

# Dívida passa US\$ 108 bi

Em seis meses <sup>externa</sup> alta é de US\$ 3 bi e reservas cairão mais

A dívida externa brasileira subiu de US\$ 105,1 bilhões, em dezembro de 1985, para US\$ 108,8 bilhões, em junho último; a queima de reservas cambiais vai superar, ao longo deste ano, US\$ 3,27 bilhões, e o superávit comercial de 1987 está projetado em US\$ 11,5 bilhões, suficiente para o Brasil pagar, no próximo ano, integralmente os juros e fechar o balanço de pagamentos zerado. O chefe do departamento econômico do Banco Central, Sílvio Rodrigues Alves, informou ainda que o Brasil passa a ter um novo tipo de relacionamento com o Fundo Monetário Internacional, mediante o compromisso de fornecer ao FMI "todos os esclarecimentos solicitados" sobre o desempenho da economia do País.

Os números de setembro e as primeiras projeções sobre o desempenho do setor externo da economia em 1987 constam da décima terceira edição trimestral do programa de ajustamento econômico brasileiro, entregue na tarde de ontem, em Nova Iorque, ao comitê de assessoramento dos bancos credores. Nas estimativas para esse final de ano, o Banco Central ainda manteve a previsão de superávit comercial de US\$ 10,5 bilhões — apesar do acumulado de apenas US\$ 9,4 milhões até novembro e déficit de serviços de US\$ 12,5 bilhões, o que resultarão em saldo negativo nas transações correntes de US\$ 1,9 bilhão, deduzindo a posição a favor de US\$ 100 milhões nas transferências unilaterais.

O Banco Central projetou ainda déficit de US\$ 890 milhões na conta de capitais, com a elevação do saldo negativo do balanço de pagamentos deste ano para US\$ 2,79 bilhões. Para cobrir esse déficit e ainda amortizar US\$ 576 milhões da parcela do financiamento ampliado do FMI que venceu este ano, o Brasil terá que gastar US\$ 3,27 bilhões de suas reservas cambiais, por dispor de apenas US\$ 100 milhões de novos créditos de curto prazo.

O chefe do departamento econômico do Banco Central informou que a nova previsão de superávit comercial de US\$ 10,5 bilhões para este ano não levou em conta o saldo de apenas US\$ 131 milhões em novembro, o que pode frustrar a meta divulgada ontem, apesar da ressalva de que, entre os dias 1º e 19 deste mês, a Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex) registrou forte aumento no volume de emissão de guias de exportação. Com superávit inferior ao projetado, aumentarão o déficit em conta-corrente e do balanço de pagamentos, o que implicará maior queima de reservas.

No primeiro semestre deste ano, o Brasil pagou US\$ 6,46 bilhões aos credores externos e recebeu US\$ 6,64 bilhões, considerados os refinanciamentos das amortizações exigíveis no período e o ingresso de recursos de curto prazo, com a entrada líquida de somente US\$ 180 milhões. Mas a dívida externa bruta subiu, em junho último, para US\$ 108,8 bilhões, em razão do acréscimo do endividamento registrado em outras moedas que não o dólar, com a desvalorização do dólar frente a outras moedas fortes, o Brasil passou a dever mais dólares aos credores da Europa, do Japão e do Oriente Médio.

O chefe do departamento econômico do Banco Central disse que, para sair do impasse com o Clube de Paris na renegociação da dívida da US\$ 3,01 bilhões junto a credores oficiais, o Brasil acertou com o FMI um novo tipo de relacionamento, que prevê o "acompanhamento mais em cima" do desempenho econômico do País, conforme exigências dos bancos internacionais. Embora o novo relacionamento, traduzido do inglês *enhanced contact* por contato ampliado, não exija o comprometimento do País com metas acertadas junto ao "staff" do FMI, passa a prevalecer a garantia formal do governo brasileiro de que prestará todas as informações solicitadas pelo Fundo, inclusive por telefone ou viagens de técnicos do Brasil aos Estados Unidos.